Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte OESP
Data 6/6/99 Pg D-10
Class. 455

ESPECIAL

REDESCOBRINDO O BRASIL

A série iniciada pelo "Estado" em 2 de maio para mostrar histórias de pessoas e localidades no interior do País, celebrando os 500 anos do Descobrimento, traz hoje a sexta reportagem. Encarregada da missão, a repórter Rebeca Kritsch, vencedora do Prêmio Esso de Jornalismo de 1995, mostra as crenças apocalípticas da tribo caiová na aldeia do Panambizinho, em Mato Grosso do Sul, e a vida de Albino Friaça Cardoso, ou apenas Friaça, autor do único gol da seleção brasileira na fatídica derrota na final da Copa do Mundo de 1950, que hoje mora em sua cidade natal, a pequena Porciúncula, no Rio

O cacique Paulito Aquino, da aldeia caiová, com sua família: diante de sua casa, a maior do local, são realizadas as celebrações coletivas

Rebeca Kritsch/AE

O cacique Paulito, que diz ter 114 anos: "Os colonos derrubaram tudo"

Para caiovás do Panambizinho, ano 2000 será o fim dos tempos

Na mais tradicional aldeia da tribo em Mato Grosso do Sul, aumenta a crença entre os líderes religiosos, com suicídios de jovens e falta de terra e perspectivas

REBECA KRITSCH
beckyk@ibm.net

DOURADOS – Para eles, o ano que vem não será de comemorações. Nem os 500 anos do Brasil, nem o fim do milênio. Uma perigosa crença está tomando corpo entre as lideranças religiosas da mais tradicional aldeia caiová de Mato Grosso do Sul, Panambizinho: 2000 não passará.

O mais recente sinal do fim dos tempos, na interpretação dos líderes, foi o suicídio de três jovens em maio. No Panambizinho, só haviam sido registrados cinco suicídios, ao longo de mais de uma década, um índice baixo em comparação a outras aldeias caiovás.

"Estamos chegando perto do ano 2000", vaticinou, quando soube das mortes, Paulito Aquino, um cacique centenário que lidera a aldeia. "Todo mundo vai ficar muito bravo."

O fim da Terra sempre esteve presente na mitologia deles, segundo a antropóloga Katya Vietta, da Universidade Católica Dom Bosco. "Para esses índios, a Terra já foi criada e destruída várias vezes", explicou a pesquisadora. O grande temor dos grupos que trabalham no Panambizinho é que a crença apocalíptica, aliada à falta de terra e de perspectiva na aldeia, estimule os impulsos de autodestruição.

"A tendência é que a crise se acentue", disse o historiador Antonio Brand, professor da universidade e coordenador do programa caiová-guarani – o primeiro é um subgrupo do segundo.

Ainda que não esperassem o fim do mundo, os caiovás do Panambizinho pouco teriam a comemorar nos 500 anos do Brasil. Comemoração, aliás, é uma palavra que não existe no idioma deles, o guarani. Emprestam-na do português, quando precisam.

Só neste século, a aldeia perdeu quatro quintos de suas terras para os brancos. Até hoje, o povo aguarda a demarcação de uma área de 1.280 hectares, doada ainda na década de 40.

"Queremos comemorar o seguinte: a demarcação das nossas terras", disse Waldomiro Osvaldo Aquino, de 40 anos, vice-capitão e neto do cacique Paulito.

Tradição

Apesar de estar a apenas 20 quilômetros do centro de Dourados, a aldeia do Panambizinho, com cerca de 250 índios, conseguiu manter a tradição caiová. "Somos a cultura mais forte por aqui", disse Waldomiro. "Nosso pensamento é ficar cada vez mais unido." Quando se vê o que ocorreu na Reserva Indígena de Dourados, outra aldeia do município, entende-se a força das palavras do vice-capitão.

Lá, vários povos foram misturados. A cidade cresceu e aproximou-se demais da área. A aculturação tornou-se irreversível. Os caiovás que moram na reserva têm respondido à desintegração de sua cultura com o suicídio. Entre 1981 e 1996, 135 índios mataram-se, segundo Brand. Este ano, outros oito casos já foram registrados.

> **FIM DA TERRA SEMPRE FEZ PARTE DA MITOLOGIA DO POVO**

Quase todos os homens do Panambizinho usam o tambetá, palito fixado sob o lado inferior. Isso significa que o índio cumpriu o ritual de passagem da adolescência para a idade adulta. Às cerimônias, a tribo comparece em peso.

"Aqui todo mundo canta", contou Waldomiro. "Aquele que canta fica muito forte."

As celebrações coletivas são feitas diante da casa do cacique Paulito, uma verdadeira mansão indígena. A construção, a maior da aldeia, é toda de sapé. No interior, há apenas umas poucas redes e a cozinha. Parte da casa é usada para rezas. A liderança dos caciques é sobretudo religiosa. Paulito mora com a mulher, Balbina Francisca.

Estima-se que Paulito tenha entre 105 e 115 anos, segundo Katya. A mulher dele teria por volta de 100. Ele diz ter 114 anos, mas não tem como comprovar.

Foi no interior de sua casa, sentado na rede, que Paulito concedeu entrevista ao **Estado**, em guarani. Waldomiro fez a tradução. Ao redor do cacique, juntaram-se outros parentes.

Paulito contou a trajetória de sua tribo ao longo deste século. Ele disse que viu os brancos chegando e ocupando a terra. "Eles foram empurrando os índios", afirmou. Abriram roças, distribuíram calças, camisas e tecidos e puseram os índios para trabalhar, segundo o cacique. "Ficamos tristes, porque branco quando entra dá medo."

Às histórias de Paulito, juntaram-se os protestos da família. "Nós somos mais brasileiros do que vocês", disse um dos filhos, João Aquino, de 78 anos, que, como dizem na tribo, parece um rádio, quando começa a falar não pára. Ele não se calou mais até o fim da entrevista. "Antes de vocês chegarem, a gente já estava aqui", esbravejou. "Se ninguém tivesse descoberto o Brasil não tinha morrido tanto índio", acrescentou a mãe, Balbina.

Óculos escuros

Ao redor deles, a paisagem mudou muito, para pior. "Os colonos derrubaram tudo", contou Paulito. Com isso, a sobrevivência ficou difícil. Não há mais caça e pesca. Também falta terra para plantar. Em maio, o pouco que sua família produziu, Waldomiro foi vender em Dourados. Só para tentar fechar o negócio, teve de percorrer 40 quilômetros de bicicleta, de ida e volta.

"A gente não quer mais morar aqui", disse Lauro Conciança, outro cacique do Panambizinho. "As terras estão rachadas, erodidas." Beirando os 90 anos, marido de Dorícia Pedro, um pouco mais velha, Conciança também é autoridade no Panambizinho. Usa adornos tradicionais, conserva o tambetá e pinta o rosto de urucum. Um pouco cego, adicionou ao visual um moderno óculos escuros, que o fazem parecer parte de uma propaganda de refrigerante.

Rebeca Kritsch/AE

O cacique Lauro Conciança, com a mulher, Dorícia Pedro: "A gente não quer mais morar aqui; as terras estão rachadas, erodidas"

Um dos jovens que se matou era neto de Conciança. Para o cacique, o homem branco é quem traz a desgraça. "Eles vieram de Portugal e invadiram", disse. "Deus criou a Terra para nós."

Rezas e nomes

Paulito sucedeu o pai na liderança da aldeia. "Eu tinha interesse demais pelas rezas dele." Além de conduzir os rituais, o cacique é quem escolhe o nome das crianças. Olha para elas, inspira-se e alcunha. Waldomiro, para a tribo, é "homem que ascende". O mais recente batizado, um menino, foi chamado de "boca pequena".

O cacique é o guardião de 147 rezas. Quando envelhece, ele as ensina a um sucessor. "O interessado vem e tira tudo dele", explicou Waldomiro. Em geral, é alguém da família que tem mais afinidade com a religião.

Pai de 36 filhos, dos quais só 11 sobreviveram, Paulito ainda não tem sucessor. Sua saúde, disse ele, vai bem. Até agora já resistiu a sete picadas de cobra. Sente apenas "os nervos e o estômago um pouquinho fracos". O cacique anda apoiado em um bastão, mas se locomove por toda parte. Na reza, sua voz é forte e sombria. Ele faz questão de registrá-la para que o canto vá além do Panambizinho. Pergunta mais de uma vez se o gravador está ligado.

Quando um índio se matava, Paulito e outros caciques eram chamados. Segundo Waldomiro, ninguém punha a mão nos corpos. Eles tratavam o episódio como a manifestação de uma doença. Rezavam. Diante de três suicídios em dois dias, acreditam que o fim se aproxima.

Veneno e forca

Luís amava Desiane, que se interessou por Maurício e fugiu com ele. Os dois rapazes tinham 18 anos. Desiane, 13. Arrependida, ela procurou Luís novamente, na casa dos pais dele. Os dois foram à casa dela, discutiram, e Desiane decidiu envenenar-se com um agrotóxico que os agricultores largam nas estradas e os índios levam para casa. Ela tomou o veneno e passou a garrafa para ele. Caiu morta em seguida. Luís correu dali, levando o frasco. No caminho de volta para a casa do pai, envenenou-se também. Entrou em casa cambaleando e caiu de bruços, morto, segundo o relato dos parentes.

Na mesma noite, Maurício soube das mortes. Sua mãe repreendeu-o. O pai de Luís espalhou pela aldeia que ia mandar prender "quem tinha feito a confusão na cabeça de Desiane". O rapaz fugiu. Mais tarde, retornou à aldeia, entrou pelos fundos de sua casa e enforcou-se com uma corda.

"Quem está se perdendo são os jovens", afirmou Brand. Para ele, apesar da sustentação familiar que o Panambizinho oferece, a perspectiva econômica e social na aldeia é desalentadora. "É preciso apressar a resolução do problema da terra", disse. "Isso resolveria o problema do ano 2000."

> "Todo mundo vai ficar muito bravo"
> **Cacique Paulito Aquino, sobre o ano 2000**

> "Branco quando entra dá medo"
> **Idem, sobre a colonização**

> "Nós somos mais brasileiros do que vocês"
> **João Aquino, filho de Paulito**